

RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO TEXTO JORNALÍSTICO: O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

Rodrigo Maia Theodoro dos SANTOS¹
Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP

RESUMO

Na prática de uso e de ensino de língua, percebe-se que são usadas operações específicas e permitidas na oralidade que interferem e até dificultam os usuários e estudantes em determinadas produções na modalidade escrita. Nessa perspectiva, o presente artigo tem o objetivo de oferecer recursos para que se possam desenvolver atividades nas quais sejam empregadas regras gramaticais em produções textuais reais, orais e escritas, em situações específicas de uso. Para tal, o texto jornalístico será usado para exemplificar as questões práticas de uso efetivo do registro idiomático. O presente trabalho parte, portanto, da perspectiva de que são os usos que fundam a norma linguística, e não o contrário. Portanto, é preciso usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma determinada situação.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Texto Jornalístico. Retextualização. Linguística.

Introdução

Quando se fala em texto, a primeira noção que vem à mente é o registro escrito de informações, desconsiderando-se que as mensagens orais também são constituídas por texto que, em essência não é diferente do primeiro, distinguindo-se pelo código de manifestação, um escrito e o outro oral. No entanto, os critérios que norteiam o uso da língua, seja no aspecto lexical, seja no sintático, marcam modalidades diferentes de ocorrência que norteiam as reflexões presentes neste artigo.

Texto: o tecido linguístico

O vocábulo texto é de origem latina e proveniente de *texere*, verbo latino que também gerou, em Língua Portuguesa, o substantivo tecido. Texto e tecido, portanto, possuem a mesma origem no que diz respeito a seu radical – estrutura vocabular que dá o significado à palavra.

Segundo o Dicionário Aulete (2009), tecido é um produto têxtil feito de fios cruzados artesanal ou industrialmente, isto é, uma trama feita com um conjunto de fios entrelaçados. Se colocarmos em um microscópio qualquer tecido que usamos em nosso cotidiano, como jeans, algodão, lã, poliéster etc, poderemos ver fios entrelaçados horizontal e verticalmente. Estes,

¹ Endereço eletrônico: rodrigomts@globo.com

juntos, formam uma trama em que todos os fios, direta ou indiretamente, estão relacionados. Por essa razão, quando pegamos em nossas mãos uma peça de roupa, vemos um todo; e não pequenos conjuntos de fios separados. Compramos um camisa, uma calça, uma blusa e não um emaranhado de fios soltos.

Se traçarmos um paralelo entre os vocábulos tecido e texto, que possuem a mesma raiz semântica, é possível entender que o texto também é um conjunto de “fios” entrelaçados entre si que, direta ou indiretamente, formam um todo, uma trama. Todavia, no presente artigo, estamos falando de uma “trama” linguística; e não de lã ou algodão.

Enxergar o texto em um sentido global, como uma imensa (inter) relação de fios linguísticos é ter um conceito mais amplo de produção textual. Quebra-se a ideia de que o usuário faz uma frase, uma oração, um período, um parágrafo e, em seguida, por consequência natural, um texto.

O texto não é, necessariamente, um conjunto de parágrafos previamente estruturados e logicamente definidos. A produção de um texto requer algo a mais do que uma previsível expansão sintática e morfológica. O conjunto de palavras, abaixo, pode ser útil como exemplificação:

A menina é bonita. A mãe gosta dela muito. Ouve música sempre com seu MP4. Pessoas muito também. Tudo parece um motivo para pensar na vida.

Esse conjunto de frases e orações formam um texto? Há controvérsias teóricas.

Segundo (FÁVERO & KOCH, 1983), o texto, em sentido amplo, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (música, filme, poema etc.) e, quanto à linguagem verbal, concerne à atividade comunicativa de um sujeito, numa situação dada, englobando conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento de sua enunciação.

De acordo com (FÁVERO, 2006), o texto é um processo contínuo, comunicativo e contextual, caracterizado pelos princípios de textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

O conceito de texto varia muito de acordo com os focos de tratamentos teóricos e, também, em concordância com as concepções de língua e de sujeito. Na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto lógico do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão captar essa representação mental, juntamente com

as intenções psicológicas do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo (cf. KOCH, 2002).

Ao explicar a relação entre texto oral e escrito, Halliday (apud Koch 2003) considera o texto oral ou escrito como manifestação concreta do discurso, uma unidade de análise inserida numa perspectiva sociosemiótica, na qual os significados são entendidos e criados a partir de escolhas de unidades discretas significativas, que são estruturalmente organizadas, disponíveis no sistema linguístico e motivadas socialmente.

Marcuschi (2003) também fala da relação entre texto oral e escrito na formação discursiva. Para ele, a oralidade e a escrita são práticas sociais e possuem características próprias, mas não “tão” opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos distintos.

Não obstante, é fundamental salientar a questão da textualidade. Segundo Baugrande e Dressler (1983), é pela textualidade que um texto se torna um texto e não uma mera colocação aleatória de frases soltas. Baugrande complementa e afirma: *“A textualidade é não só a qualidade essencial a todos os textos, mas, também, é uma realização humana (...) sempre que um ‘artefato’ de marcas sonoras e escritas é produzido, recebe o nome de texto”*.

Portanto, entende-se que o texto, em sua modalidade escrita, perpassa pelos fatores de textualidade propostos por Baugrande e Dressler (1983) e, assim, será entendido como o material linguístico do discurso. Este, por sua vez, apresenta-se como uma atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação. Segundo Koch (2002), o discurso manifesta-se linguisticamente por meio de textos – em sentido estrito – que consistem em qualquer passagem oral ou escrita, capaz de formar um todo significativo, independente de sua extensão.

Os fatores de textualidade

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência aleatória de frases (Baugrande e Dressler – 1983). Os sete fatores que constituem a textualidade são: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Entre os cinco fatores pragmáticos estudados, os dois primeiros referem-se aos protagonistas do ato comunicativo: a intencionalidade e a aceitabilidade. São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos

interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face.

Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, que cumpre uma função sócio-comunicativa. A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Dessa forma, o texto se caracteriza por uma unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

A **intencionalidade** concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, impressionar, alarmar, convencer, pedir, ofender etc. É a intencionalidade que vai orientar a produção do texto.

O outro lado da moeda é a **aceitabilidade**, que diz respeito à expectativa do “leitor ou receptor” de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. A comunicação se efetiva quando se estabelece um contrato de cooperação entre os interlocutores, de tal modo que as eventuais falhas do produtor são percebidas como significativas (às vezes, o sentido do texto está na sua aparente falta de sentido – cf. a piada), ou são cobertas pela tolerância do receptor.

O terceiro fator de textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é a **situacionalidade**. Esta diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sócio-comunicativa. O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e orienta tanto a produção quanto a recepção.

O interesse do receptor pelo texto vai depender do grau de **informatividade** de que o último é portador, ou seja, em que medida as ocorrências de um texto são esperadas e conhecidas, ou não, no plano conceitual e no formal. Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante e envolvente. Entretanto, se o texto se mostrar inteiramente inusitado, tenderá a ser rejeitado pelo receptor, que não conseguirá processá-lo. O texto com bom índice de informatividade precisa ainda atender a outro requisito, que é a suficiência de dados. Isso significa que o texto tem que apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido pretendido pelo produtor.

Beaugrande e Dressler (1983) falam ainda de um outro componente de textualidade, a *intertextualidade*. Esta concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). De fato, um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se por meio de um já dito em relação ao qual ele toma posição. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos que funcionam como seu contexto. Isso é verdade tanto para a fala coloquial, em que se retomam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou para o noticiário dos jornais, que requerem o conhecimento de discursos e notícias já divulgadas.

Relacionando os conceitos de texto e textualidade, poder-se-ia dizer, em princípio, que a unidade textual se constrói, no aspecto sociocomunicativo, por meio dos fatores pragmáticos: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. No aspecto semântico, por meio da coerência; e, no aspecto formal, pela coesão.

O processo de retextualização

Para entendermos, na prática, a aplicação da textualidade associada às modalidades oral e escrita da língua, faz-se necessário analisar o processo de retextualização. Esse conceito será desenvolvido de acordo com os trabalhos do professor Luiz Antônio Marcuschi, no livro “Da fala para a escrita”. Segundo Marcuschi (2007), são os usos que fundam a língua e não o contrário. Portanto, precisamos usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma determinada situação. A intenção comunicativa é que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática.

Nessa perspectiva, o autor traz o conceito de retextualização com o intuito de analisar os processos de refazimento de textos. Para ele, retextualização é a passagem de uma modalidade de texto para outra. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e, evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação entre textos. Na obra em questão, Marcuschi foca seus estudos na passagem do texto oral para o texto escrito. Porém, ele considera quatro possibilidades de retextualização:

1. FALA ⇒ ESCRITA (ENTREVISTA ORAL ⇒ ENTREVISTA IMPRESSA)
2. FALA ⇒ FALA (CONFERÊNCIA ⇒ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA)
3. ESCRITA ⇒ FALA (TEXTO ESCRITO ⇒ EXPOSIÇÃO ORAL)
4. ESCRITA ⇒ ESCRITA (TEXTO ESCRITO ⇒ RESUMO ESCRITO)

No presente artigo, para dar conta das estratégias de ensino referenciadas desde o início da reflexão, será escolhida a possibilidade 1: (Fala \Rightarrow Escrita / Entrevista Oral \Rightarrow Resumo Escrito).

Características do texto jornalístico

Com o objetivo de colocar em prática as referências teóricas expostas, foi selecionado o texto informativo, jornalístico, por meio do gênero notícia. Este, por sua vez, pode apresentar, de forma clara, as características da oralidade e da escrita, na análise do processo de retextualização.

Segundo Alberto Dines (1986:25) *jornalismo é a busca de circunstâncias*. Podemos depreender, então, que o texto jornalístico é a constante busca de situações, condições ou particularidades, que serão passadas pelo veículo de comunicação a um determinado leitor. A atividade jornalística tem um ponto específico: a informação; seja pelo jornal, pela revista, pela televisão, pelo rádio, pela Internet ou por qualquer veículo de mídia. Nessa perspectiva, com relação às características de um texto jornalístico, Nilson Lage (2005:73) diz:

O que caracteriza o texto jornalístico é o volume de informação factual. Resultado da apuração e tratamento dos dados, pretende informar, e não convencer. Isso significa que o relato, por definição, está conforme o acontecimento – este sim, passível de crítica e capaz de despertar reações distintas nos formadores de opinião e entre os receptores da mensagem em geral (...) O texto jornalístico é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias.

Para C.A. Rabaça & G.G. Barbosa (2001: 513), *notícia é um relato de acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público*. Portanto, o texto jornalístico tem como características principais: a apuração dos fatos e informações, a produção textual com imparcialidade, a opção por frases curtas e a adequação do texto ao veículo no qual a notícia será transmitida. Ademais, o texto jornalístico é uma via importante para sociedade, pois, é a partir dele que se partilham experiências e se discutem ideias, mesmo sem contato físico. É pelo jornalismo, enquanto meio de transmissão de fatos sociais, que ocorre a integração e o diálogo em uma sociedade.

Ainda sobre suas características, o texto jornalístico obedece a uma estrutura particular para a passagem da informação. Tem-se, inicialmente, o que é chamado de *lead*, do inglês, que significa conduzir, comandar, dirigir. Em jornalismo impresso *lead* é o primeiro parágrafo da notícia, que se inicia por um tópico frasal ou sentença-tópico.

Segundo N. Lage (2005), a origem do *lead* está relacionada ao uso oral da língua, ou seja, à maneira como alguém relata algo a que assistiu. Sua natureza é pragmática e está relacionada às condições e intenções de tornar a comunicação eficaz. Em suma, o *lead* é a introdução do texto jornalístico. É a ferramenta utilizada pelos jornalistas para situar o leitor, para trazê-lo ao texto e para indicar qual será o assunto específico que a matéria vai abordar. Após o *lead*, aparece, obviamente, o desenvolvimento do texto.

Proposta de atividade de retextualização

Depois de conceituar a retextualização e desvelar as características do texto jornalístico, faz-se necessário apresentar uma proposta de atividade que privilegie a passagem da modalidade oral para a escrita em um contexto informativo. Em um primeiro momento, o aluno é incentivado a gravar a fala de uma pessoa que acaba de narrar um fato ocorrido. Depois da gravação, o aluno transcreve, literalmente, o texto:

Nossa... vi uma pessoa agora mesmo ser atropelada lá na rua.... nossa... impressionante... tava lá deitada... sabe, sangue mesmo... disseram que foi um carro grande...e...e...e o pior gente... o cara saiu e deixou a pessoa lá... nossa... terrível... imagina? Você logo cedo vai pro trabalho... e um carro passa por cima assim... nossa... o cara devia ter voltado de balada... ah... o pessoal em volta disse que era um carrão... foi por volta de umas 7h da manhã, acredita?... nossa... fico indignada com isso...

Após a leitura da transcrição, o professor precisa explicar o que são as marcas de oralidade, isto é, as características específicas de um texto na modalidade oral. Em seguida, como **primeira operação** de retextualização, o aluno deve eliminar as marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras. Nessa perspectiva, a palavras “nossa” aparece 5 vezes. Além disso, vale eliminar os vocábulos “sabe, gente, imagina, acredita, ah e assim”.

Com isso, um novo texto já é formado. Sem as marcas de oralidade, o que antes era apenas uma transcrição fica da seguinte forma:

Vi uma pessoa agora mesmo ser atropelada lá na rua... impressionante... tava lá deitada...sangue mesmo... disseram que foi um carro grande...e...e...e o pior... o cara saiu e deixou a pessoa lá... terrível... Você logo cedo vai pro trabalho... e um carro passa por cima... o cara devia ter voltado de balada... o pessoal em volta disse que era um carrão... foi por volta de umas 7h da manhã. Fico indignada com isso...

Em uma **segunda operação**, o professor orienta a introdução da pontuação, com base nas entoações das falas. É uma ótima oportunidade de o professor falar sobre a estrutura sintática “sujeito, verbo e predicado (ou objeto)”. Dessa forma, o aluno pode entender por que e como ele deve pontuar o texto.

Vi uma pessoa agora mesmo ser atropelada lá na rua. Impressionante. Tava lá deitada, sangue mesmo. Disseram que foi um carro grande. e...e...e o pior. O cara saiu e deixou a pessoa lá, terrível. Você logo cedo vai pro trabalho e um carro passa por cima. O cara devia ter voltado de balada. O pessoal em volta disse que era um carrão. Foi por volta de umas 7h da manhã. Fico indignada com isso.

Como **terceira operação**, o aluno precisa retirar as repetições. No exemplo usado neste artigo, há apenas uma repetição propriamente dita: “e... e... e...” No entanto, em textos maiores, as repetições aparecem diversas vezes. É uma interessante forma de o estudante verificar a prolixidade no discurso.

Vi uma pessoa agora mesmo ser atropelada lá na rua. Impressionante. Tava lá deitada, sangue mesmo. Disseram que foi um carro grande. O cara saiu e deixou a pessoa lá, terrível. Você logo cedo vai pro trabalho e um carro passa por cima. O cara devia ter voltado de balada. O pessoal em volta disse que era um carrão. Foi por volta de umas 7h da manhã. Fico indignada com isso.

A **quarta operação** diz respeito à introdução da paragrafação. No caso desse texto, por se tratar de uma nota informativa, vamos manter um único parágrafo. Em caso de textos completos, iniciamos a paragrafação completa.

Para terminar, a **quinta operação** vai propor a reordenação pragmática do texto. Nessa operação, vamos “circunstanciar” o discurso. No caso de um texto jornalístico, precisamos retirar os juízos de valor, alguns termos coloquiais em excesso e ordenar uma lógica de raciocínio.

Com o objetivo de exemplificar de forma objetiva e real, segue um “texto final”, produzido por um aluno, após todas as operações concluídas.

NOVO TEXTO

Uma pessoa foi atropelada, às 7 h, na rua João Cachoeira, no bairro do Itaim Bibi, em São Paulo. Testemunhas relataram que um carro importado passava em alta velocidade quando atingiu a vítima. Há a suspeita de que o motorista estava embriagado quando ocorreu o atropelamento.

Considerações finais

O processo de retextualização foi desenvolvido de acordo com os pressupostos teóricos referenciados no presente artigo. Entende-se que a atividade ainda é preliminar, isto é, precisa de outras alternativas estratégicas para se consolidar, tanto no ensino de Português como língua materna, como no de língua estrangeira.

A opção pelo texto jornalístico foi fundamental para que a teoria conseguisse ser aplicada adequadamente. Por meio do gênero notícia, pode-se compreender, de forma mais clara, a estrutura das modalidades oral e escrita da língua, na medida em que as informações foram comparadas desde o momento em que se narra um fato até o momento em que se escreve o texto. Justifica-se, assim, que o usuário de uma língua use a fala e a escrita de modos diferentes, em situação díspares.

As reflexões suscitaram o desenvolvimento de atividades nas quais os estudantes possam empregar as regras gramaticais em produções de texto reais, em situações específicas de uso. Conforme afirmado desde o início da pesquisa, são os usos que fundam a norma linguística, e não o contrário. Por essa razão, é imprescindível fazer uso da língua, adequadamente, para produzir os efeitos de sentido pretendidos em cada situação.

Este foi apenas um primeiro passo para a busca do avanço nas atividades de ensino de Língua Portuguesa. Faz-se importante, agora, dar continuidade à pesquisa. Em um próximo momento, novas ideias serão expostas. O objetivo maior será o entendimento de que o ensino de língua precisa, sempre, buscar alternativas interessantes na prática mas que, também, sejam fundamentadas em teorias com embasamento científico.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A Lingüística Textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. Revisão Técnica Luis Passegi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.
- BEAUGRANDE & DRESSLER. *Introduction to Text Linguistic*. Londres: Logman, 1983.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CASTILHO, Ataliba de. *O Português do Brasil*. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo. Ática. 2002. p.237-269.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 11ª edição. São Paulo: Ática, 2006.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore Vilaça. *Lingüística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*, 25ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita – Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- VILELA, Mário. & KOCH, Ingedore Vilaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Almedina, 2001.

RELATIONS BETWEEN ORALITY AND WRITING IN THE JOURNALISTIC TEXT: THE PROCESS OF RETEXTUALIZATION

ABSTRACT

In the practice of using and teaching language, it's seen that specific operations are used and allowed in orality that interfere users and students in certain productions in the written mode. The present article has the objective to offer resources so that activities can be developed in which grammatical rules are used in actual textual productions, oral and written, in specific situations of use. The journalistic text will be used to exemplify the practical issues of effective use of the idiomatic register. The present work starts from the perspective that it is the uses that ground the linguistic norm, not the opposite. Therefore, one must use the language properly to produce a desired sense effect in a given situation.

Keywords: Orality. Writing. Journalistic Text. Retextualization. Linguistics.

Envio: julho/2018
Aceito para publicação: agosto/2018